

# ENTREVISTA COM JOSÉ LUIZ FIORIN

19 de maio de 2023

## APRESENTAÇÃO

Entrevista realizada com José Luiz Fiorin no dia 19 de maio de 2023 pelos alunos de mestrado do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, na disciplina Procedimentos de Constituição do Texto, ministrada pelo professor doutor Alexandre Marcelo Bueno.

## ENTREVISTA

**CPGL:** Oi, professor. Obrigada por aceitar nosso convite para esta entrevista. Organizamos algumas perguntas para você. Então, começamos com a primeira.

**CPGL:** Como você descreveria sua trajetória acadêmica e profissional? Quais foram as principais influências da sua carreira?

**José Luiz Fiorin:** Descreveria minha trajetória profissional na linguística como um pouco casual, porque, quando estava na graduação, minha intenção era fazer literatura, e não linguística. Tive um professor de Linguística muito ruim e um professor de Teoria da Literatura muito bom, o qual acho que foi a grande influência para mim e cujo nome era José Fulaneti de Nadai. Quando me formei na Faculdade de Penápolis, aquele professor de Linguística foi mandado embora. O professor José Fulaneti de Nadai, então, me chamou e disse: “Nós vamos contratar você”. E respondi: “Mas não sei linguística”. E ele respondeu: “Estuda!”. E complementou: “Primeira coisa que você deve fazer é o curso de especialização do professor Borba, em Araraquara”. Eu morava em Guaraçaí, onde era professor, e fui fazer o curso de especialização [em linguística]. Na época, havia dois cursos de especialização no estado de São Paulo: um na PUC [Pontifícia Universidade Católica] de São Paulo e um na Unesp [Universidade Estadual Paulista] de Araraquara. E havia um doutorado na USP [Universidade de São Paulo].

Eu fui fazer [o curso de especialização] e havia um vestibulinho. Eram muitos candidatos. Estudei bastante e comecei a fazer o curso do professor Borba e tomei gosto pela Linguística. No início, não tinha muita ideia do que queria fazer na pós-graduação, aí o professor Borba disse para mim: “Você vai para São Paulo e entra no curso com o professor Izidoro [Blikstein]”. Tinha uns 50 candidatos para quatro vagas e daí ele acabou aceitando seis pessoas e eu fui uma delas. Quando fiz o primeiro curso com o professor Izidoro Blikstein, sobre semântica, decidi que, na dissertação, iria desenvolver alguma coisa sobre discurso. Mas na época era diferente; hoje em dia a Análise do Discurso virou uma perversão, os estudos do discurso de maneira geral. Noventa por cento dos trabalhos de linguística hoje ou são de estudos do discurso ou de linguística aplicada. Há muitos trabalhos ruins. Gente que faz paráfrase do texto e diz que está fazendo análise do discurso. Paráfrase do texto é o que o falante comum faz quando entende um texto, portanto isso não é análise do discurso.

Eu pensava em estudar discurso religioso, mas naquela época a gente não tinha iniciação científica, a gente não tinha muita ideia sobre produções acadêmicas, e os mestrados demoravam muito, então a gente só decidia o que fazer no meio do caminho. Por isso, eu fui fazer um curso sobre os movimentos messiânicos no Brasil: Canudos, Juazeiro, Contestado, com o professor Duglas Teixeira Monteiro. Certa vez, ele me disse: “Você que vem das Letras, podia analisar o manuscrito do Antônio Conselheiro”. A imagem que eu tinha do

Antônio Conselheiro era que ele era um bronco, que não sabia português nem nada. Quando comecei a ler os sermões do manuscrito de Antônio Conselheiro, publicados pelo professor Ataliba Nogueira, da Faculdade de Direito, eu pensei: “Ele escreve melhor do que meus alunos de português” [risos]. E ele sabia latim, tudo certinho, a Vulgata, que é a tradução que São Jerônimo fez do hebraico e do grego para o latim. Então, resolvi estudar aquilo e o professor Izidoro disse: “Isso podia ser a sua dissertação de mestrado”.

Assim, fiz a minha dissertação. Eu continuei, tive um encontro com a Semiótica, em um curso do professor Edward Lopes, e me encantei pela matéria, pelo rigor, pela forma de análise, analisando não o que o texto diz, mas como o texto diz o que diz. Fiz concurso em Araraquara, comecei a lecionar lá, depois me ofereceram um lugar na USP, mas precisava fazer concurso. Porém, naquela época, não havia muita gente para fazer concurso... Até pedi transferência para não ter de fazer outra prova, mas não me deram. Então fiz o concurso para a USP e, ao passar, me demiti de Araraquara e entrei na USP e fiquei até me aposentar.

Sempre tive muito interesse pelos estudos do discurso, não só pela semiótica, mas também pelos estudos de retórica, seja pela tropologia, que estuda as figuras de retórica, seja pela topologia, que estuda a argumentação. Escrevi livros sobre isso. E com um deles, o livro sobre argumentação, ganhei um Prêmio Jabuti. E é gozado porque não é o livro mais importante que escrevi, nem é o melhor livro que fiz. No entanto, com ele ganhei o Prêmio Jabuti. Como professor, participei de muitas atividades da área de Linguística. Fui representante da área na Capes, fui membro do Conselho Deliberativo do CNPq... Fiz bastante coisa, mas agora estou velhíssimo. Já passei dos 75 anos.

**CPGL:** Você falou que ganhou o Prêmio Jabuti com um livro que não acha que seja o melhor. Então, qual, na sua opinião, é o melhor? Qual é a maior conquista da sua carreira?

**José Luiz Fiorin:** O *As astúcias da enunciação*. Acho que foi o livro no qual dei uma contribuição teórica, embora a ideia de embreagem e debreagem não seja minha, seja do Greimas. Mas Greimas escreveu uma página sobre isso no primeiro volume do *Dicionário de semiótica*. E eu desenvolvi isso de uma maneira interessante, porque os europeus não leram muito bem o Greimas ou ignoraram o que ele disse e têm uma visão simplificada demais do que seja

embreagem e debreagem. Creio que essa tenha sido minha contribuição para a Linguística.

Agora, um livro do qual eu gosto, particularmente, é o *Figuras de retórica*, no qual eu analiso as figuras [de linguagem], da metáfora à metonímia e todas as figuras de retórica. Em terceiro lugar, colocaria os livros que fiz com Platão: *Para entender o texto* e *Lições de texto*. Em quarto lugar, colocaria o *Argumentação*. E foi com esse que ganhei o Prêmio Jabuti [risos].

**CPGL:** Existe algo que você gostaria de ter feito na sua vida acadêmica e que ainda não fez?

**José Luiz Fiorin:** Não sei. Hoje tenho vontade de ler tudo o que deixei para trás e de reler muita coisa. Mas não tenho mais muita vontade de escrever, embora eu escreva, de vez em quando, alguma coisa que particularmente me interessa, um artigo, por exemplo, mas cada vez menos.

Há algo que queria ter feito: eu queria ter feito um livro sobre os mitos de origem da linguagem nas diferentes culturas e nunca fiz. Comecei a juntar os mitos, mas é difícil achá-los. Acho que não tenho mais força para fazer isso. Estou escrevendo agora um texto sobre a história dos estudos enunciativos no Brasil com base no que o Brasil deu de contribuição teórica para esses estudos.

Gostaria de falar um pouco sobre o último texto que escrevi. Um rapaz que se chama Rubens Damaceno, que é professor na Universidade Federal de Goiás e fez uma tese sobre Retórica na Universidade de Lion, na França, me perguntou se eu não gostaria de escrever um texto sobre redes sociais. Eu respondi: “Rubens, se você tivesse me pedido para escrever sobre a Retórica de Aristóteles ou de Cícero, eu poderia escrever, mas sobre redes sociais...”. Confesso que abri uma conta no Instagram para uma necessidade na Abralim [Associação Brasileira de Linguística], nem me lembro mais o motivo, mas nunca posteí nada nesse Instagram, nem sequer tornei a olhá-lo depois que usei para essa necessidade. Fora isso, a única rede social da qual participo é o WhatsApp, na qual tenho um número muito restrito de pessoas. Detesto que me mandem bom dia, detesto que me mandem piadas, detesto que me mandem texto piedoso. Então, se algum amigo me manda uma coisa dessas, nem respondo. Para mim, o WhatsApp é para mensagens muito urgentes, necessárias e só. Então, eu disse para ele [voltando]: “Rubens, eu não posso escrever um texto sobre redes sociais porque não sei o que são redes sociais”. Aí ele me

respondeu: “Então você não quer fazer um texto em primeira pessoa, o que não é comum em um texto acadêmico, sobre o motivo pelo qual você não participa de redes sociais?”.

Respondi que poderia fazer. Assim, eu fiz um texto, que é entre acadêmico e pessoal. Chama-se “Birigui chamando”. Birigui é o nome da cidade onde eu nasci, no estado de São Paulo. O título é “Birigui chamando” porque remete à época em que as ligações telefônicas eram feitas por meio de telefonistas, em que você precisava ligar para uma telefonista e ela passava a ligação para outra cidade e dizia: “Birigui chamando! Birigui chamando!” até que alguém da outra cidade atendesse. Algumas pessoas acham que o telefone sempre existiu.

Eu gostaria de contar uma história: [antes da pandemia] estava fazendo um curso de italiano no Consulado da Itália, na Avenida Higienópolis. Um dia, tínhamos que aprender o nome dos eletrodomésticos em italiano e era um exercício de conversação para fixação. A professora deu os nomes e as imagens dos eletrodomésticos e a primeira pergunta do questionário para conversação era: “Qual desses aparelhos não existia na primeira metade do século vinte?”. Bom, eu caí com uma menina de 15 anos. Então a menina olhou as imagens e disse: “Todos existiam”. E eu perguntei: “Como todos?”. E ela repetiu: “Todos existiam”. Então eu disse: “Espera aí, só existia rádio, geladeira e ferro elétrico, mas eu quero te explicar que geladeira – nisso a professora passa do nosso lado e fica ouvindo a minha explicação – era a querosene; geladeira elétrica era muito raro existir. Em segundo lugar, ferro elétrico existia, mas pouca gente tinha, porque usava-se ferro a brasa”. Então ela disse que eu não sabia falar italiano, aí a professora disse para ela assim: “È vero!”. E se a professora afirma que é verdadeiro o que eu disse, ela não podia contestá-la. Então ela me perguntou assim: “Mas não existia celular nem computador?”. E eu, obviamente, disse que não. Ela me questionou sobre a televisão, ao que eu respondi: “Televisão surgiu em 1950 – considerado a segunda metade do século XX –, mas só existia televisão em São Paulo, no Rio de Janeiro e nas circunvizinhanças das capitais. Em Birigui, por exemplo, não existia. Eu mesmo só vi televisão pela primeira vez aos 13 anos, quando vim a São Paulo com os meus pais para passear”.

Aí ela perguntou: “E o que vocês faziam?”. E eu respondi: “Nós brincávamos, o que vocês não sabem fazer. Nós brincávamos na rua o dia inteiro, corríamos etc.”. Enfim, ao longo da minha vida, que já vai se fazendo longa, vi mudanças nas comunicações, e daí o nome do texto [“Birigui chamando”],

porque, quando eu era criança, você precisava pedir a ligação para uma telefonista, não havia telefone automático, e a telefonista ouvia todas as conversas. Ela sabia tudo o que acontecia na cidade. Tínhamos um telefone, que era o 132, o que era muito raro.

Se você queria fazer uma ligação para São Paulo, tinha que fazer assim: você pedia à telefonista para fazer a ligação e podia ficar ouvindo enquanto ela ligava ou podia desligar. A telefonista fazia a primeira ligação: “Birigui chamando Lins! Birigui chamando Lins!” até que Lins atendia; e a telefonista de Birigui dizia que gostaria de fazer uma ligação para São Paulo, para tal número. Aí Lins chamava Marília: “Lins chamando Marília! Lins chamando Marília!”. Quando Marília atendia, Lins passava o recado e Marília seguia: “Marília chamando Bauru! Marília chamando Bauru!”. E daí seguia até chegar a São Paulo. Então avisava-se à pessoa em São Paulo que havia uma ligação e aí voltava para trás do mesmo jeito. Demoravam-se horas para fazer uma ligação. Hoje, você liga rapidamente para qualquer lugar no mundo. Fui contando essas histórias no texto e ao mesmo tempo expliquei o que acho que a Linguística deve estudar na internet. Digo que a internet não está acabando com a língua, como dizem algumas pessoas... todas essas questões eu discuti. E são esses textos que me interessam, que eu faço hoje.

**CPGL:** O que você pensa sobre a linguagem, os discursos e as novas tecnologias? Como elas estão mudando a forma como a gente se comunica?

**José Luiz Fiorin:** Não posso negar a tecnologia, e não é por isso que eu não participo das redes sociais. Não participo das redes sociais porque elas estão destilando o discurso do ódio, os algoritmos estão insuflando os sentimentos mais primários dos seres humanos, como o medo, a raiva. É por isso que não participo, mas não posso negar a tecnologia.

O Google é um santo, mesmo com o algoritmo deles. Uma vez, queria citar num texto que estava escrevendo um exemplo tirado do *Gargântua* do [François] Rabelais, e Rabelais é difícil de ler até em francês, porque é um francês arcaico; é como você pegar um texto do século XIII [em Língua Portuguesa], que também é difícil de ler. Nesse texto, encontrei uma passagem que dizia assim: “Bebo porque é líquido, se fosse seco eu morreria, porque o espírito não vive no seco”. Existe uma nota do tradutor dizendo: “O autor está fazendo referência a uma passagem de Santo Agostinho que diz: ‘*Espiritus uiuet in sicco*’”. Então pensei comigo: “Eu não sou um especialista em Santo

Agostinho, mas já li bastante coisa de Santo Agostinho e não me lembro de ter visto uma coisa dessa”. Assim, me perguntei: “Onde eu acharia essa informação?”.

Procurei a frase no Google. A frase [do tradutor] estava incompleta, mas no Google apareceu o texto completo. As conclusões: primeiro que o texto não era de Santo Agostinho, era do Pseudo-Agostinho, que são textos que foram atribuídos a Santo Agostinho, mas não são dele. E o texto dizia o seguinte: “Quando você se esvai em sangue, você morre”. Por isso, ele diz que o espírito vive no líquido, não vive no seco. Veja, eu nunca teria a possibilidade de encontrar isso se não fosse o Google. Você achar informação hoje é muito fácil. Claro que precisa ter todos os cuidados para evitar as informações falsas, mas, por exemplo, na minha época de escola, eu precisei decorar – porque era obrigatório decorar – os afluentes do rio Amazonas do lado direito e do lado esquerdo. Eu queria colocar esses afluentes no meu artigo, então procurei no Google e apareceram milhares, com o rio Amazonas azulzinho correndo e os afluentes de cada lado. Você não precisa ir a um livro de geografia do Brasil. Portanto, não se pode viver sem a tecnologia.

Mudando um pouco de assunto, eu dificilmente leio livros na internet porque acho mais cômodo ler em livro físico, mas jornal eu leio na internet, e escrevo quase tudo no computador. Gostaria de explicar, por exemplo, como fiz minha dissertação de mestrado e minha tese de doutorado. Eu escrevia à mão, depois datilografava, mas a minha datilografia não era bonita, aí eu corrigia o texto, levava para um datilógrafo profissional que passava a limpo a minha datilografia... Uma vez, escrevi “vide verso”, porque eu escrevi no verso o que era para pôr e ele pulou, então teve que datilografar tudo de novo, 20 páginas de novo. Era um trabalho insano. A minha tese de doutorado foi do mesmo jeito. A tese de livre-docência, comecei a fazer à mão, que foi *As astúcias da enunciação*, mas então apareceram os computadores, e a USP fez um processo de empréstimo dos computadores para os professores e eu continuava escrevendo à mão e digitava... Aí eu falei: “Ah, não! Vou tentar escrever direto no computador”. Hoje escrevo direto no computador porque é bem mais fácil.

**CPGL:** Qual é a importância da linguística para outras áreas do conhecimento?

**José Luiz Fiorin:** A língua é importante para tudo na vida. Do momento em que nascemos, quando não sabíamos falar, e somos cercados de língua, até o

momento de nossa morte, quando somos consolados das dores, estamos cercados pela língua. Toda a nossa relação com a realidade é mediada pela linguagem. E, portanto, uma disciplina que estuda a linguagem tem uma importância muito grande. Tanto que hoje penso que a computação só pode dar um salto, bem, ela está dando um salto com os grandes *corpora*, mas ela apenas dará um salto à medida que for imitando a capacidade de linguagem humana.

Por isso, a linguística tem uma importância muito grande para a computação, o que significa ter importância para todas as áreas das ciências humanas. Mas, por outro lado, a linguística também teve influência muito grande ao longo do século XX, ao fornecer métodos e técnicas para outras ciências. Lembro-me de duas. A antropologia estrutural, criada por Claude Lévi-Strauss, recebeu da linguística todos os métodos. Ele registrou-os, a partir dos métodos da linguística estrutural, depois de ter feito um curso de fonologia com [Roman] Jakobson em Nova York, para onde os dois haviam fugido do nazismo. E [Jacques] Lacan cria toda a psicanálise [francesa] a partir das ideias da linguística.

Então, eu diria que a linguística é uma disciplina que tem importância transcendental. No entanto, as Letras estão caindo na irrelevância. Perdemos um pouco o lugar, não apenas as Letras, mas as ciências humanas de maneira geral. Vivemos um momento em que se quer biologizar as emoções, tudo é explicado biologicamente, por que os homens traem e afins. Na hora em que você vai biologizando tudo, as ciências humanas vão caindo na irrelevância. Mas o mais sério de tudo é que a ciência está caindo na irrelevância no momento em que tem gente que acredita que a Terra é plana.

Então, eu diria que a ciência está caindo na irrelevância, as ciências humanas estão caindo em uma irrelevância maior e as Letras em uma irrelevância maior ainda. Nos Estados Unidos, os departamentos de linguística estão sendo fechados, só estão sobrando os departamentos de inglês. Vão desaparecendo os cursos de português, e os de inglês não vão desaparecer. Só que um curso de inglês para ensinar a gente a falar inglês na faculdade não é um curso superior de inglês. E, então, o resto, tudo, não tem importância.

**CPGL:** Quais são as pesquisas que você acha que as Letras podem realizar no futuro? Qual campo podemos explorar?

**José Luiz Fiorin:** Podemos fazer pesquisas de tudo quanto é tipo. Podemos analisar quais são os universais da linguagem e aí, nesse ponto, a linguística se



aproxima da biologia, porque os universais da linguagem demonstram que há um substrato biológico. Posso analisar as diferenças entre as línguas em razão das culturas diferentes e a linguística se aproxima da antropologia. Posso analisar a aquisição da linguagem. Posso analisar como se adquire uma língua estrangeira. Posso analisar o plano dos sons, dos fonemas. Posso analisar a formação de palavras e estudar a morfologia. Posso analisar a formação de frases, estudar a sintaxe, seja ela funcional, seja formal. Posso analisar a semântica, o sentido das palavras, das orações etc. Posso analisar os discursos como objeto linguístico, como objeto histórico. Posso estudar computacionalmente a linguagem, e aí tenho a linguística computacional. Enfim, as pesquisas que a linguística pode estudar são tão múltiplas, tão variadas, que é possível estudar uma ampla gama de fenômenos.

Nós só podemos compreender a realidade por meio da linguagem. Nas *Viagens de Gulliver*, por exemplo, há uma passagem interessante em que os sábios de Balnibarbi inventaram uma maneira de pôr a linguagem de lado, porque a linguagem tem um defeito de se repartir em várias línguas. Eles diziam assim: “Vamos evitar a linguagem, a gente carrega tudo que a gente precisa e a gente mostra, por exemplo, eu quero falar melancia e mostro uma melancia”. E eu sempre contava essa história na primeira aula de linguística e perguntava: “Por que isso não dá certo?”. As pessoas diziam: “Porque não se pode carregar tudo de que a gente vai falar”. Eu dizia: “Não, eu posso ter um monte de empregado carregando tudo o que eu preciso para falar, se eu for rico”. E completava: “Não dá certo porque a língua, a linguagem, não é um sistema de ‘mostração’, a linguagem fala do que existe, a linguagem fala do que não existiu, a linguagem cria utopias, a linguagem faz criações, a linguagem faz tudo, me aproxima da realidade”.

Eu não sei nada da realidade a não ser pela linguagem. Por exemplo, o pôr do sol maravilha a todos nós. Não existe o pôr do sol, do ponto de vista da realidade, porque o sol não se põe, é a Terra que gira. No entanto, a linguagem criou essa categoria e vemos o mundo com essa categoria e assim por diante. Eu posso estudar a história das línguas desde o indo-europeu até os dias atuais. Então, como a linguagem envolve toda a realidade, a linguística permite estudar uma variedade de coisas muito grande.

**CPGL:** Se você pudesse dar um conselho ao Fiorin do passado durante a realização do mestrado, o que você diria?

**José Luiz Fiorin:** Eu cometi muitos erros ao longo da minha vida. Acho que minha dissertação de mestrado é muito ruim. E por que é ruim? Porque não havia uma teoria do discurso muito bem assentada no Brasil. Os conhecimentos de discurso estavam muito no princípio, então acho que minha dissertação não é boa porque mistura coisas de teorias diferentes. Isso para não falar de erro pequeno, por exemplo: outro dia, num jantar, fui falar uma frase em latim. É de um canto religioso católico que se chama “Magnificat”. Uma pessoa me perguntou: “Qual é o caso da palavra *dominus* aí?” Daí eu disse, é vocativo: “*magnificat anima mea domine*”. E eu ainda traduzi: “engrandece minha alma, ó senhor”. Depois, pensando comigo mesmo: “Gente, como eu fui burro, era só pensar na sintaxe da frase latina durante um minuto que eu devia saber que não podia ser vocativo, tinha que ser acusativo, *magnificat anima mea dominum*, “Engrandece minha alma o Senhor”.

Agora, a gente comete muitos erros. Qual é a diferença de cometer erros quando eu fui aluno e de cometer erro hoje? Quando fui aluno, os alunos eram corrigidos impiedosamente pelos professores. E aceitavam a correção e corrigiam os erros. Hoje, se você corrigir um aluno impiedosamente, você é acusado de assédio moral na internet. Acho que atualmente os alunos são muito doloridos. A gente deveria saber que o erro é uma coisa que todos cometemos e que a correção do erro é absolutamente necessária para o nosso progresso. Vocês viram aquele texto, “Ave Maria” [de José de Alencar, em *O Guarani*]? “A tarde ia morrendo. O Sol declinava no horizonte...” Esse trecho é uma coisa que nunca esqueci.

Quando estava no ginásio, não havia mimeógrafo, nada disso. Portanto, as provas eram ditadas pelos professores. Parte da prova, você tinha um ditado. No exame final da segunda série do ginásio, o professor ditou esse trecho de Alencar e disse para nós assim: “Faça uma análise sintática de todas as orações, todos os períodos e todos os termos”. Acho que era uma hora e meia que você tinha para fazer. Sei que eu escrevi feito um louco, páginas de almanaque. Era a única questão da prova. Você tinha que analisar tudo. “A tarde ia morrendo”, oração absoluta, período simples. “A tarde”, sujeito, “ia morrendo”, predicado, “ia”, verbo auxiliar, “morrendo”; e assim por diante. Tinha que analisar tudo. Nós tínhamos um professor de Latim que era mais terrível ainda. Na mesma série, ele não avisava qual dia nós iríamos ter prova. Escolhido o dia, mandava tirar uma folha de caderno e dizia assim: “Tempos primitivos do verbo *mitto*, 20 segundos para responder”. E aí, você respondia correndo:

*mitto, mittis, misi, missum, mittere*. Pronto. Aí ele falava: “Os adjetivos que indicam desejo, conhecimento, posse, lembrança, regem que caso? Dez segundos para responder”. E ficava no relógio olhando. Vinha outra pergunta... era uma coisa tenebrosa. Hoje, se um professor fizer isso, ele está roubado.

**CPGL:** E qual é o seu passatempo? O que você gosta de fazer nas horas livres?

**José Luiz Fiorin:** Várias coisas. Vejo televisão, principalmente noticiário e filmes, leio bastante, muita literatura, atualmente quase só literatura. Gosto de sair para jantar com os amigos. Principalmente são essas três coisas que gosto de fazer. Aliás, todas as minhas horas são vagas atualmente, porque sou um velho aposentado e, ao contrário de alguns colegas meus, não pretendo ficar até os 90 anos dando aula.

**CPGL:** Você tem algum autor/autora favorito/a de livro literário?

**José Luiz Fiorin:** Literário? Ah, vários. Mas vou falar da literatura brasileira. Machado de Assis, José de Alencar, Gonçalves Dias, João Cabral de Mello Neto, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Padre Antônio Vieira. Os sermões do Padre Vieira são uma maravilha. Do que que eu não gosto? De memes. De memes para falar de texto, porque meme vocês olham o dia inteiro. Precisa ler mais Machado... Agora dos portugueses, Eça de Queirós, Camões é um autor fantástico. Mesmo dos estrangeiros, principalmente franceses, que eu vi bastante: Flaubert, Zola, Balzac. Vocês veem que, na verdade, gosto da literatura do século XIX.

Citei poetas do século XX, e acabei hoje um romance notável de um autor que não conhecia: Rafael Gallo. Um romance chamado *Dor fantasma*, com o qual ele ganhou o prêmio José Saramago 2022. Achei um romance muito bom, um romance notável, porque agora vejo uma certa fragilidade nos romances. Eu gostei também de um romance que se chama *Os supridores*, de José Falero. O uso da linguagem, da linguagem oral, é feito de uma maneira perfeita. E hoje acho que a literatura africana de língua portuguesa é melhor que a literatura brasileira de língua portuguesa.

**CPGL:** Poderia falar um pouco sobre o que você pensa das relações entre os estudos linguísticos e os estudos literários? Acho que isso é importante também para a configuração atual das especializações, na formação dos alunos.

**José Luiz Fiorin:** A literatura é uma forma de linguagem. De um lado, você não pode ignorar a linguagem ao estudar literatura. Hoje tenho lido estudos estratoféricos sobre literatura que não me dizem nada. As pessoas não estudam a materialidade do texto, o que o texto diz, a linguagem do texto. Por outro lado, um linguista não pode desconhecer a literatura, porque a literatura é o elemento em que levo as possibilidades da linguagem até o limite que podem ser levadas. Portanto, não posso ignorar a literatura. No entanto, se me perguntarem se existe conformidade, diria que o curso de vocês [Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie] é um dos únicos que busca essa conformidade, porque, na maioria absoluta dos cursos, há uma separação muito grande entre linguística e literatura.

De um lado, os estudiosos da literatura não veem nenhuma legitimidade nos linguistas para falar nada sobre literatura. E, por outro lado, linguistas, muitas vezes, desprezam a literatura, às vezes até a ignoram. Por exemplo, uma vez eu estava com uma linguista importante em Fortaleza, sentado num restaurante de frente para o mar, aquele mar verde de Fortaleza. E eu disse assim: “*Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;/ Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;/ Serenai, verdes mares...*”. Aí ela disse para mim: “Eu não sabia que você era cearense, achei que você fosse paulista”. Eu respondi: “Sou paulista, não sou cearense”. Ela argumentou: “Você disse ‘a minha terra natal’”. Fiquei com vergonha por ela, porque qualquer pessoa deveria saber que eu estava citando o início de *Iracema*, de Alencar. Eu não disse isso porque fiquei com vergonha, fiquei com vergonha por ela. Os linguistas ignoram a literatura, o pessoal de literatura não vê legitimidade nos linguistas para falar de literatura, quando eu acho que essas duas áreas deviam manter relações próximas.

**CPGL:** Muito obrigada por seu tempo e por suas respostas!

**José Luiz Fiorin:** Obrigado a vocês.

## Autores

### ADEVAL FERREIRA DE ANDRADE NETO

*E-mail:* adevaldeandrade@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0000-9327-573X>

Mestrado – UPM

### ANTHONY CHARLES DE NOVAES DA SILVA

*E-mail:* anthonyavlis@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8059-216X>

Mestrado – UPM

### CIBELE APARECIDA MIYUKI KINCHOKU

*E-mail:* cibeleskinchoku@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6643-1952>

Mestrado – UPM

### FERNANDA VALEZINI FERREIRA

*E-mail:* fernandavalezini@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8436-3532>

Mestrado – UPM

### ISABELLA MANTOVANI MATTA

*E-mail:* isa.mantovani22@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0005-9484-9500>

Mestrado – UPM

### LUANA DA SILVA BUENO BERTONI

*E-mail:* bueno.lb@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0001-4968-7224>

Mestrado – UPM

### MARIANE POLI DA SILVEIRA


*E-mail:* mariane.poli@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0007-0277-5220>

Mestrado – UPM

### RAQUEL ESPIN DE OLIVEIRA LUCENA

*E-mail:* raquelespinl@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0009-3614-0957>

Mestrado – UPM

### SANTIAGO DANIEL DUBRA

*E-mail:* dubrasantiago@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0003-3575-7345>

Mestrado – UPM